

SIMPÓSIO AT175

A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DE CONSTRUÇÕES DE CONTRASTE COM AGORA: O CAMINHO DE TEMPO À QUEBRA DE EXPECTATIVA

FERRARI, Luísa
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)
luisa-ferrari@hotmail.com

Resumo: Este trabalho focaliza a história de constituição de construções contrastivas com *agora*, originalmente um advérbio temporal que passa a mostrar, nessas construções, propriedades de juntor coordenativo. Segundo Ferrari (2018), essas novas construções podem expressar duas nuances de contraste: oposição semântica e quebra de expectativa. Admitindo, à luz da *Teoria da Inferência Convidada* (TRAUGOTT; DASHER, 2002), que a mudança linguística se desenvolve em contextos altamente específicos, que evocam inferências de novos significados, o objetivo deste trabalho é explicitar fatores contextuais que condicionam a emergência dos usos contrastivos de *agora*, focalizando aqui aqueles que veiculam quebra de expectativa. Esse objetivo maior se desdobra em dois objetivos mais específicos: (i) identificar o tipo de relação temporal e outros fatores semântico-pragmáticos que alimentam a mudança, de modo a capturar relações entre os significados fonte e alvo; (ii) identificar fatores morfossintáticos que, aliados aos fatores de significado, contribuem para as alterações categoriais. O trabalho é conduzido em perspectiva diacrônica e tem como *corpus* de investigação textos de tipologia diversa produzidos entre os séculos XVIII e XXI. Os resultados mostram que, do ponto de vista do significado, as condições principais para a mudança residem em dois tipos de significado temporal que se aliam a outros traços do contexto e alimentam inferências de quebra de expectativa. Do ponto de vista morfossintático, é fator essencial a reorganização morfossintática da construção como um todo, que passa a expressar a relação temporal-contrastiva através de uma estrutura binária paratática, na qual *agora* atua como advérbio juntivo, ganhando traços da categoria alvo.

Palavras-chave: mudança linguística; contextos; polissemia; contraste.

Abstract: This study investigates the historical development of contrastive constructions with *agora*, originally a temporal adverb that shows, in those constructions, properties of a coordinate connective. According to Ferrari (2018), these new constructions can express two types of contrast: semantic opposition and denial of expectation. Assuming, in the light of the Invited Inferencing Theory of Semantic Change (TRAUGOTT; DASHER, 2002), that language change develops in highly specific contexts, which evoke inferences of new meanings, this study aims to elucidate contextual factors that condition the emergence of the contrastive uses of *agora*, here focusing on the ones that express denial of expectation. This main objective involves two more specific ones: (i) identify the

type of temporal relation and other semantic-pragmatic factors that trigger the change, in order to capture the relations between source and target meanings; (ii) identify morphosyntactic factors that, combined with the meaning factors, contribute to the categorial changes. The study is developed in a diachronic perspective and the corpus is consisted of a variety of textual types, produced between the 18th and the 21st centuries. The results show that, in terms of meaning, the main conditions to the change are in two types of temporal meaning that combine with other contextual traces and trigger inferences of denial of expectation. In terms of morphosyntax, it is essential the morphosyntactic rearrangement of the whole construction, which starts to express the temporal-contrastive relation through a paratactic binary structure, in which *agora* operates as a linking adverb, acquiring properties of the target category.

Keywords: language change; contexts; polysemy; contrast.

Introdução

Em diferentes línguas do mundo, o domínio da junção contrastiva revela-se propenso a constantes renovações ao longo do tempo, em virtude de sua natureza altamente intersubjetiva (MEILLET, 1912; RAMAT; MAURI, 2011). Este trabalho¹ investiga o processo de constituição de um novo juntor contrastivo no português brasileiro, ainda em trajetória de desenvolvimento. Trata-se de *agora*, originalmente um advérbio temporal que, no português contemporâneo, além de tempo, pode expressar dois significados contrastivos: oposição semântica, contraste fundado em predicados que ganham, na construção, estatuto de antônimos semânticos (LAKOFF, 1971; SWEETSER, 1991), e quebra de expectativa, contraste fortemente baseado em uma pressuposição, que alimenta expectativas que não se concretizam (LAKOFF, 1971; SWEETSER, 1991). Os exemplos (1) e (2), extraídos de amostras do português falado e escrito, ilustram as construções² com *agora* que veiculam cada tipo de contraste, respectivamente.

¹ Este trabalho resulta da pesquisa de Mestrado que desenvolvi em Ferrari (2018) e da pesquisa, em nível de Doutorado, que desenvolvo atualmente, tendo recebido apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processos nº 2015/21358-6 e 2019/01411-0, e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Neste trabalho, entendo *construção* à maneira de Mauri e Ramat (2012, p. 5), que concebem construção como a associação de significados particulares a propriedades distribucionais, sem filiação à abordagem construcional da gramática.

(1) As duas motos ficô(u) qua::se em oitocentos reais a minha e a dele mais a dele do que a minha... que a dele... estragô(u) bem mais a minha só foi a parte da frente que teve que alinhá::(r)... um espelho que teve que trocá::(r)... num foi quase nada só alinhamento e::... uns negocinho da roda... **agora** a dele estragô(u) bastante. (TFII20-2/21, 410, C2)

(2) (...) olha nós temos...uhm...uhm..tem um (lado) mais feminino no Museu na verdade...**agora**...os diretores SEMpre foram homens. (TFCS20:2/21, C2, 251)

Além do novo significado, nesse tipo de construção, *agora* também exhibe traços categoriais distintos dos originais. Assumo que o item está adquirindo propriedades de juntor coordenativo, passando a mobilizar uma estrutura binária paratática, na qual encabeça o segundo membro coordenado.

Com base em evidências empíricas de mudança, que atestam a produtividade de fontes temporais como canal de derivação para significados contrastivos (KORTMANN, 1997; MAURI; RAMAT, 2012), admito a hipótese de derivação histórica entre os significados temporais de *agora* e seus significados contrastivos. À luz de um quadro teórico que concebe a pragmática como a principal força instigadora de mudança (TRAUGOTT; DASHER, 2002), entendo que a chave para confirmação, em viés diacrônico, da derivação dos usos contrastivos de *agora* a partir dos usos temporais está em contextos específicos, que alimentam polissemia entre significado fonte e significado alvo. Admito que tais contextos fornecem também explicações para a especialização de *agora* em duas nuances de contraste.

Em vista dessa concepção de mudança de base pragmática, o objetivo central deste trabalho é explicitar os contextos que condicionam a emergência das construções de contraste com *agora*, focalizando, aqui, aquelas que exprimem quebra de expectativa. No âmbito do objetivo maior do trabalho, persigo dois objetivos mais específicos: (i) identificar o tipo de relação temporal e outros fatores semântico-pragmáticos que alimentam a mudança de tempo a quebra de expectativa, de modo a capturar relações entre os significados fonte e alvo; (ii) identificar fatores morfossintáticos que, aliados aos fatores de significado, contribuem para as alterações categoriais. Para tanto, a metodologia

de investigação é longitudinal, e a análise se baseia dados extraídos de textos de tipologia variada, produzidos entre os séculos XVIII e XXI.

1. A Teoria da Inferência Convidada

Fundamenta esta pesquisa a Teoria da Inferência Convidada da Mudança Semântica (*Invited Inferencing Theory of Semantic Change – IITSC*, daqui em diante), desenvolvida em diversos trabalhos de Elizabeth Traugott e colaboradores e sistematizada em Traugott e Dasher (2002). Como o nome sugere, o modelo pressupõe que a mudança semântica se desenvolve em contextos que *convidam inferências* de novos significados, que passam a coexistir com o significado de origem, instaurando-se, desse modo, um cenário de polissemia, imprescindível para a mudança.

O caminho de mudança semântica previsto pela teoria tem início em *inferências convidadas* ainda não cristalizadas na língua, que podem avançar para *inferências convidadas generalizadas*, significados preferidos que são com frequência associados a determinados contextos de uso da forma ou construção em mudança. Quando o significado fonte está totalmente inacessível ou é apenas um traço no contexto, e o significado alvo ganha o primeiro plano, não apresentando mais estatuto pragmático, a mudança atinge, segundo o modelo, o estágio de semantização, em que o novo significado não mais depende dos traços contextuais que lhe deram origem (TRAUGOTT; DASHER, 2002, p. 35).

2. O estudo de mudança via contextos

Diewald (2002) e Heine (2002) desenvolvem abordagens para a investigação de mudança direcionada a contextos, nas quais estabelecem uma relação estreita entre tipos de contextos e estágios evolutivos. Trata-se de estratégias metodológicas para aproximação e interpretação dos fatos de mudança, reconhecendo-se a não discretude entre os estágios que se delineiam nas propostas.

As diferenças entre as duas abordagens residem principalmente no estágio de polissemia entre significado fonte e significado alvo, que é previsto por ambas. Enquanto Heine (2002), ao particularizar tais contextos, que denomina *bridging*, prioriza a ambiguidade semântico-pragmática e considera *bridging* qualquer tipo de contexto polissêmico, Diewald (2002) distingue contextos que fornecem condições apenas para ambiguidade semântico-pragmática de contextos que dão condições tanto para ambiguidade semântico-pragmática quanto para ambiguidade morfossintática, denominando os primeiros contextos *untypical* e os últimos, contextos *critical*. Pelo fato de, na análise dos dados, a trajetória de mudança investigada neste trabalho ter mostrado como relevante o desdobramento dos contextos polissêmicos em *untypical* e *critical*, conforme mostro na seção a seguir, o modelo de contextos de Diewald (2002) constituiu a principal ferramenta de apreensão dos estágios evolutivos da trajetória. O modelo prevê que a mudança tem início em contextos *untypical*, avança para contextos *critical* e se conclui, se alcançado o estágio de semantização, em contextos *isolating*, que são contextos independentes para significado fonte e significado alvo.

3. O caminho de tempo à quebra de expectativa

Os dados mostraram uma variedade de contextos que alimentam polissemia entre tempo e quebra de expectativa. Nessa variedade, foi possível reconhecer um conjunto de contextos que fornece condições semântico-pragmáticas para a mudança e um conjunto de contextos que alia condições semântico-pragmáticas a condições morfossintáticas, predispondo, assim, tanto a reanálise de significado quanto a reanálise categorial. Nesse sentido, a análise foi conduzida em termos da distinção entre contextos *untypical* e contextos *critical*, sugerida por Diewald (2002).

Apesar da variedade de contextos, a análise identificou duas nuances temporais que são comuns a todos eles e que habilitam inferências de quebra de expectativa: sequencialidade e habitualidade. Nos contextos caracterizados

por sequencialidade temporal, um estado de coisas que se desenvolve no momento presente ou que é previsto para o futuro frustra expectativas que são alimentadas por um estado de coisas anterior. Nessa relação sequencial, *agora* indica, em conjunto com a morfologia verbal, o tempo presente ou futuro, que são ambos um tempo posterior em relação ao outro intervalo temporal em jogo.

Já nos contextos em que a nuança temporal favorável à mudança é habitualidade, verifica-se uma relação entre um estado de coisas que ocorre no presente e um estado de coisas habitual, que, justamente pela natureza reiterativa subjacente à habitualidade, cria uma expectativa de persistência no tempo, que, no entanto, não se concretiza no momento presente, configurando-se, de tal maneira, a quebra de expectativa. Em (3) e (4), apresento exemplos dos contextos *untypical* encontrados nos dados, e, em (5) e (6), exemplos dos contextos *critical*. A nuança temporal de sequencialidade pode ser observada em (3) e (5), ao passo que a de habitualidade está ilustrada em (4) e (6).

(3) O que parecia bem singular e extraordinário era que, tendo a tempestade, durante a noite feito tantos estragos, **agora** não aparecia vestígio algum. (ROAY19:2, 10, C2)

(4) Ah! nota, Doroteu, que ação tão feia! Aquele bruto chefe que não paga as pessoas mais nobres, o cortejo Sequer por um criado, **agora** manda Que o seu próprio Robério, o seu bom aio Ande de porta em porta, qual mendigo, Pedindo para um bode a benta esmola! (POCC18:2, 79, C2).

(5) O que fiz para ser tão miseravelmente ferida, roubada nos sonhos nas ilusões? Aquele monstro, Otto, tem idade de ser meu pai. Nos visitava com a mulher e filhos e **agora** acontece isto. Há uma semana que ele passa aqui para saber de Rege mas nunca deixou perceber os seus intentos. (CAPH20:1, 230, C2)

(6) O senhor Cazuzza sempre que tem meias esburacadas, camisas sem botões, calça rota nos fundilhos põe-se comigo de voltas e não me deixa enquanto o não sirvo, **agora** foi a Pirapóra, trouxe o “Sapicuá” a derramar rapaduras, deu-se todas a essas tinhosas e eu fiquei a lamber imbiras! (CAPP19:2, 129, C2)

Conforme os exemplos, proponho que contextos como (3) e (4) correspondem a contextos *untypical* pelo fato de *agora* participar de relações hipotáticas ou subordinadas entre orações, ainda não mobilizando a estrutura binária paratática que é típica em seus usos contrastivos. Esses contextos, entretanto, são fundamentais para a mudança de significado, uma vez que as relações temporais em jogo se conjugam com outros traços contextuais que levam a inferências de quebra de expectativa.

Por outro lado, assumo que contextos como (5) e (6) constituem contextos *critical* em razão de ser possível observar a estrutura paratática e, nela, *agora* sempre ocupar justamente o segundo membro da relação coordenativa. Nessa perspectiva, em contextos do tipo, as condições que favorecem inferências de quebra de expectativa se somam a condições que favorecem a reinterpretação morfossintática de toda a construção.

Embora tanto (5) e (6) configurem, nessa análise interpretativa, contextos *critical*, defendo que aqueles exemplificados por (6) representam um estágio mais avançado de mudança, pois, no interior do segundo membro coordenado, *agora* ocupa a posição inicial, que é típica de juntores contrastivos (QUIRK *et al.*, 1985; KORTMANN, 1997). Nesse tipo de arranjo contextual, proponho que o item atua como advérbio juntivo, ganhando traços da categoria alvo.

Considerações Finais

Neste trabalho, propõe-se uma reconstrução diacrônica do desenvolvimento de construções de contraste com *agora* que veiculam quebra de expectativa, com foco nos contextos que reúnem condições para as transformações de significado e de categoria. Foram encontradas evidências de um tipo particular de contexto (*critical*) que tem maior peso para a mudança, à medida que agrega inferências do novo significado a traços morfossintáticos da construção contrastiva resultante.

Mostrando a relevância de relações temporais particulares para a emergência dos usos contrastivos, a pesquisa permite confirmar a derivação

histórica entre tempo e contraste, sugerindo e corroborando a produtividade, já amplamente atestada, desse canal de derivação.

Referências

DI EWALD, G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I. (Ed.). **New reflections on grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 103-120.

FERRARI, L. **O papel dos contextos nas mudanças por gramaticalização e subjetivização**: um estudo diacrônico das construções com 'agora' e 'now'. 2018. 249 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2018.

HEINE, B. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, I. (Ed.). **New reflections on grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 83-101.

KORTMANN, B. **Adverbial subordination**: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages. Oxford: Oxford University Press, 1997.

LAKOFF, R. If's and's and but's about conjunction. In: FILLMORE, C.; LANGEDOEN, D. (Ed.). **Studies in linguistic semantics**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971. p. 114-149.

MAURI, C.; RAMAT, A. G. The development of adversative connectives in Italian: stages and factors at play. **Linguistics**, Antwerp, v. 50, p. 191-239, 2012.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. **Scientia**: rivista internazionale di sintesi scientifica, Bologna, v. 12, n. 26, p. 131-148, 1912.

QUIRK, R. et al. **A comprehensive grammar of the English language**. New York: Longman, 1985.

RAMAT, A. G.; MAURI, C. The grammaticalization of coordinating interclausal connectives. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Ed.). **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 656-667.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics**: metaphorical and cultural aspects of semantic structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. (Ed.). **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.